

Autoconscientização de Traços Religiosos e de Liderança

Self-awareness of Religious and Leadership Traits

Autoconcientización de Rasgos Religiosos y de Liderazgo

Suely Regina Barbaresco*

Resumo: O presente trabalho é fruto de autopesquisa desta autora e apresenta a trajetória da autoconscientização dos traços religiosos e de liderança no contexto do trabalho voluntário conscienciológico. As experiências são abordadas a partir do acesso às verdades relativas de ponta (neoverpons). São relatadas experiências com fenômenos parapsíquicos e projeciológicos, a relação com amparadores extrafísicos e a repercussão na postura pessoal do traço da liderança no percurso da divulgação da tarefa do esclarecimento, em especial na mídia. Ao final são apresentados dificultadores, vantagens, efeitos e conquistas evolutivas na autopesquisa com foco no paradigma consciencial.

Palavras-chave: autopesquisa, proéxis, projeção consciente, recin, voluntariado conscienciológico.

Abstract: *The present work, a self-research paper, presents the author's way towards the self-awareness about religious and leadership traits in the context of voluntary work with Conscientiology. The approach to the experiences are based on the author's access to the leading edge relative truths (verpons). Personal experiences with parapsychic and projectiologic phenomena are reported, as well as relationships with extraphysical helpers and reverberation of the leadership trait on her posture in the clarifying task, especially in the media. It concludes by presenting challenges, advantages, outcomes and evolutionary accomplishments in self-research focused on the Consciential Paradigm.*

Keywords: *Conscientiologic volunteership, lucid projection, proexis, recin, self-research.*

Resumen: *Este trabajo es fruto de la autoinvestigación de esta autora y presenta la trayectoria de la autoconcientización de los rasgos religiosos y de liderazgo en el contexto del trabajo voluntario conscienciológico. Las experiencias son tratadas a partir del acceso a las verdades relativas de punta (neoverpunes). Son relatadas experiencias con fenómenos parapsíquicos y proyectiológicos, la relación con amparadores extrafísicos y la repercusión en el comportamiento personal del rasgo del liderazgo en la trayectoria de la divulgación de la tarea del esclarecimiento, en especial en los medios de comunicación. Al final, son*

* Professora universitária, graduada em Psicologia, mestre em Psicopedagogia e doutora em Educação, docente e voluntária do IIPC-Vitória desde 2007. E-mail: suelybarbaresco@gmail.com

presentados dificultadores, ventajas, efectos y conquistas evolutivas en la autoinvestigación con foco en el paradigma concienical.

Palabras clave: *autoinvestigación, proexis, proyección conciente, recién, voluntariado concienicológico.*

INTRODUÇÃO

Motivação. A ideia deste trabalho surgiu devido à necessidade da autora, neste momento atual da vida intrafísica, de desenvolver a grafopensividade.

Objetivo. O presente artigo apresenta vivências pessoais a partir do acesso às verdades relativas de ponta (neoverpons), via voluntariado com vivências relacionadas às dificuldades da identificação e realinhamento das prioridades evolutivas, na atual vida, buscando expandir para o atacadismo assistencial com autopesquisa.

A autopesquisa é a pesquisa da consciência por si própria, buscando maior autocohecimento e utilizando, ao mesmo tempo, o máximo de instrumentos pesquisísticos disponíveis no microuniverso concienical e no Cosmos (SENO, 2013, p. 39).

Hipótese. Foi investigada a presença, ainda arraigada, de traços de religiosidade canalizada no exercício de liderança da divulgação das ideias das neociências Projeciologia e Conscienciologia.

Metodologia. Este trabalho descritivo qualitativo funda-se na análise das autovivências e registros pessoais, voluntariado concienicológico, aplicação de técnicas concienicológicas, vivência de fenômenos.

Estrutura. Além da Introdução e das Considerações finais, o trabalho desenvolve-se em 4 Seções:

1. Acesso às neoverpons (2006). No primeiro momento são relatados o acesso à Conscienciologia, a identificação com as ideias, a motivação e repercussões do engajamento no paradigma concienical.

2. Voluntariado concienicológico (2007). Nesta Seção serão apresentadas as vivências desde o curso Extensão em Projeciologia e Conscienciologia 1 – ECP1, o ingresso no voluntariado concienicológico, a experiência com os fenômenos e a trajetória pessoal na coordenação de um Centro Educacional de Autopesquisa.

3. Autopesquisa: traços pessoais, hipóteses e técnicas (2014 a 2018). Esta Seção abarca o percurso da autopesquisa realizada, especialmente os traços liderança e religiosidade manifestos e as técnicas utilizadas para superar fissuras pessoais, considerando o paradigma concienical.

4. Dificultadores, vantagens e efeitos da autopesquisa (2011-2018). O autodiagnóstico em uma pesquisa concienicológica pode apresentar várias facetas quanto ao autoenfrentamento dos achados. Neste item serão comentados os efeitos evolutivos da autopesquisa.

I. ACESSO ÀS NEOVERPONS

Paradigma concienical. A ciência Conscienciologia estuda as manifestações da consciência (eu, ego, personalidade) em uma abordagem integral, considerando várias dimensões, veículos apropriados para se manifestar nas variadas dimensões com suas particularidades, as bioenergias e a cosmoética na interação com as demais consciências e com o Cosmos (VIEIRA, 2002, p. 23).

Labcon. A autopesquisa, ou pesquisa de si mesmo, é o estudo realizado pela própria pessoa, fundamentado no Paradigma Consciencial no qual a consciência é ao mesmo tempo o pesquisador, o objeto de pesquisa e o laboratório consciencial.

Parapsiquismo. A autopesquisa pessoal começou da indicação dos filhos para conhecer os estudos da Conscienciologia, porque eu não sabia lidar com o próprio parapsiquismo aflorado. Após a primeira palestra, inscrevi-me para um curso básico de Conscienciologia, em 2006. A cada aula, a identificação com os fenômenos estudados e com os temas apresentados fazia mais sentido no entendimento e vivência cotidiana pessoal.

Projeção. Em noite antecedendo as últimas aulas do curso, vivenciei a saída do corpo físico em projeção consciente patrocinada por equipe extrafísica liderada por amparadores (consciências com visão mais abrangente e cosmoética) para acompanhar nas assistências extrafísicas. Tal experiência gerou convicção íntima de ter encontrado informações com lógica e coerência com aquilo que intimamente buscava.

Assistência. Ao final do curso, tais informações subsidiaram conhecimento importante para traçar a própria rota existencial propiciando os primeiros posicionamentos pessoais: estar mais presente na assistência a minha mãe e entrar para o voluntariado de uma Instituição Conscienciocêntrica (IC), organização com objetivos e métodos de atuação embasados no Paradigma Consciencial.

Proéxis. Sentia intimamente que algo bom podia ser feito no sentido de ajudar as pessoas, que talvez isso integrasse a proéxis pessoal – programação existencial, planejada antes de renascer nesta vida intrafísica.

Precognição. Ao visitar minha mãe, que mora em outro estado brasileiro, combinamos de viajar para uma cidade vizinha, no dia seguinte. Naquela noite, enquanto trabalhava com as energias, numa precognição visualizei duas pessoas dentro de um rio tentando se salvar de afogamento. Na viagem do dia seguinte nos acidentamos e caímos em rio profundo.

Amparo. Durante o acidente houve desespero, sabia que não podia desmover naquele momento porque havia muitas coisas a fazer. Pensei que tudo terminara, e a resposta veio de imediato, telepaticamente: “Não acabou!”. Perdemos os sentidos, até o veículo parar no rio, mas sobre grande árvore cerejeira caída, que nos serviu de suporte para sair do carro e chegar à margem. Pela segunda vez, senti a atuação de amparo de maneira intensa.

Reflexões. Nas reflexões pós-acidente, a ideia era de que havia motivo maior para terem preservado minha vida intrafísica, e, instintivamente, essa sensação já fazia parte dos questionamentos antes do acidente.

Encapsulamento. Nos dias seguintes, ainda abalada, mantinha-me forte no apoio à minha mãe e familiares distantes e preocupados. Porém, não consegui analisar os acontecimentos multidimensionalmente.

Retorno. No aeroporto, antes do embarque para casa, senti-me esmorecer, e, se parasse, “apagaria”, o que me levou a caminhar no local por cerca de 2 horas. Nas conexões dos voos precisei de ajuda e cadeira de rodas.

Pausa. O acidente, a sensação de morte durante a viagem, a preocupação com minha mãe geograficamente distante, a burocracia do seguro do veículo e o fato de não conseguir trabalhar com as energias propiciou comportamento de esquivia, amedrontamento relativo à dimensão extrafísica.

Esforço. O receio do assédio levou ao estremecimento e recuo no desejo de fazer trabalho assistencial relevante nesta atual vida. Foram vários meses de análise e problemas sequenciais. No entanto, o esforço pessoal prevaleceu e voltei a frequentar as palestras conscienciológicas.

II. O VOLUNTARIADO CONSCIENCIOLÓGICO

Continuidade. No ECP1 (Curso de Extensão em Conscienciologia e Projeciologia 1), no final de 2006, houve indicação para o ingresso na docência da instituição, mas tal posicionamento só se concretizou quando foram assumidas as atividades de coordenação do Voluntariado de uma IC, juntamente com outro voluntário.

Potenciais. A ideia de ser intermissivista, com programação existencial, demorou para ser aceita. Não me percebia na condição de consciência preparada para realizar intrafisicamente o programado na dimensão extrafísica antes de renascer.

Intermissão. Buscava lembrar algo do curso intermissivo, quando, em certos casos, antes da ressonância a consciência escolhe família, ambientes e vivências, ampliando as possibilidades de acertos grupocármicos.

Proexologia. Durante curso de campo, perguntei à consciex (consciência extrafísica) manifestante o porquê do acidente, recebendo de volta 3 perguntas: “Você tem consciência da sua proéxis? Você sabe a responsabilidade que assumiu antes da sua ressonância? Você se esconde atrás de quê?”

Docência. O desejo de assistir em alto nível foi retomado com maior responsabilidade depois da fala da consciex. Apesar de me sentir inapta, a formação docente contribuiu com o grupo na tarefa, considerando o número pequeno de professores, que geralmente vinham de outros estados, para os cursos e palestras.

Retomada. Profissionalmente, doutorei-me em Educação no exterior, o que diminuiu muito minha atuação no voluntariado de 2007 a 2010. Ao retornar ao voluntariado, os trabalhos de docência conscienciológica e de divulgação das ideias da ciência Conscienciologia foram retomados e contribuíram para alavancar a assistencialidade pessoal.

Autoposicionamento. Em 2011, designaram-me para a Coordenação Geral do Centro Educacional de Autopesquisa (CEA), pela sede da instituição em que voluntariava, o que me estremeceu, mas o forte amparo novamente contribuiu para prosseguir, mesmo com insegurança, pois a autoanálise pontuava despreparo para assumir cargo de tamanha responsabilidade.

Liderança. A primeira ação foi descentralizar as decisões e ações da Coordenação Geral do CEA, concedendo a cada voluntário a responsabilidade de suas tarefas segundo capacidades e predisposição individual, com liberdade de nelas empreender, tornando o grupo mais participativo e coeso.

Desafios. Pouco depois, veio a oportunidade de entrevista na mídia e, sendo a única pessoa disponível no horário estipulado pela emissora de TV, realizei a tarefa. As condições para gravar o programa eram desfavoráveis, e o receio de errar, maior ainda; mas, ao final, houve a sensação de dever cumprido e parapercepção da presença de amparo propiciando banhos energéticos.

Mídia. Ocorreram mais 4 entrevistas na TV e 2 em rádio. Um dos programas televisivos, previsto para durar 9 minutos, gravou mais de 25 min. Na rádio, a música de abertura da entrevista envolvia misticismo e era ao vivo como nos programas de TV. O sentimento foi de incômodo, mas o resultado, positivo.

Itinerância. Em uma cidade atendida (Guarapari-ES), abriu-se oportunidade de divulgação em programa de rádio local. Preparei-me para falar dentro dos cinco minutos estipulados, mas a entrevista ficou “no ar” quase uma hora, do início ao fim do programa. Ao todo foram 7 entrevistas, em 3 TVs e 2 rádios.

Trabalhos. Naquele momento, minha atuação era simultaneamente na Coordenação Geral e na Coordenação do Técnico-científico do Centro Educacional de Autopesquisa de Vitória.

Base física. Desde 2005, o CEA se concentrava em sala de aula e pequena recepção. Estava localizado entre estabelecimentos comerciais, uma igreja, uma loja de eletrônicos piratas e uma capela mortuária, interferindo nos laboratórios e trabalhos energéticos. Buscou-se deixar aquela área de energias estagnadas.

Mudança. Em 2013, a base física do CEA Vitória foi alterada. Até então a sala era cedida; com a mudança, foram alugadas 2 salas conjugadas em local de fácil acesso público.

Demandas. Nesse novo momento, os alunos começaram a chegar, foi preciso abrir mais cursos e as palestras quinzenais passaram a semanais. Voluntários e professores eram escassos. A Sede do Instituto ajudou a atender à demanda com trabalho voluntário. Assim, estava atuando na docência em todos os cursos, laboratórios e palestras do CEA. Aos poucos, na condição de professora orientadora, formavam-se outros professores, que passaram a contribuir nas atividades docentes, o que me permitiu itinerar.

Tenepes. A demanda pelo Curso Assistenciologia no CEA foi grande e não havia professores, o que resultou, em 2013, na decisão de iniciar a tarefa energética pessoal - tenepes, pois até então não me sentia qualificada para esse tipo de assistência, mesmo incentivada por docentes mais experientes que itineravam para Vitória. Ser tenepessista é pré-requisito para dar aulas no curso Assistenciologia.

Retomada. A atuação na Coordenação Geral do CEA – Vitória durou 4 anos, seguida de novo período de 5 meses, em 2017, finalizando o mandato do ex-coordenador que precisou deixar o cargo.

Ideias. Durante esse tempo de voluntariado, muitas ideias sobre escrita conscienciológica eram anotadas, assim como temas referentes à autopesquisa, porém nada fora publicado.

Paradoxo. Todas as atividades assumidas no voluntariado conscienciológico, como a coordenação do voluntariado, a formação docente, a coordenação de cursos e laboratórios, as palestras, a coordenação geral, a mudança de base física, as entrevistas na mídia e a itinerância, davam a sensação de despreparo para assistência madura, competente, à altura da Instituição e seus representantes.

O autoconceito tráfástico é a premissa pessoal de se julgar inferior, incompetente ou incapaz diante da vida e das relações. O sentimento associado a este autoconceito é o de autodepreciação, ou seja, o sentimento de pouco valor que alguém tem por si mesmo (BAZZI, 2004, p. 163).

Pacificação. No curso Teática da Rememoração do Curso Intermissivo (2016), durante o trabalho energético vivenciei paz íntima quanto à assistência realizada. A colega que me energizou disse ter sentido gratidão dos amparadores. Nos *feedbacks* da autora do curso, esta comentou que os amparadores eram gratos a mim, corroborando a parapercepção da energizadora.

Consciex. Ainda com relação aos amparadores e a gratidão por parte deles, no primeiro curso de campo, após as três questões da consciex manifestante, foram trazidas também algumas afirmações: “Tenha mais confiança no seu pulso. Nós gostamos muito de você! Confie mais na sua força! Esse é o momento!”.

Maniqueísmo. Essa autoavaliação sobre o currículo no voluntariado, apesar das iniciativas positivas e cosmoéticas, demonstra visão com características de holopense religioso, de maneira inconsciente, os trabalhos eram realizados usando mais argumentação de base em crenças pessoais, que na comprovação científica (pelas próprias experiências).

III. AUTOPESQUISA: TRAÇOS PESSOAIS, HIPÓTESES E TÉCNICAS

Liderança. As atividades da IC exigem iniciativa, posicionamento pessoal, abertismo, erudição, assistência e organização, entre outros traços de liderança de quem encabeça trabalho grupal interassistencial e multidimensional. Dos 4 ECP1s cursados por mim, durante os sorteios dos temas, três saíram sobre liderança, afora a responsabilidade de apresentar a conclusão dos estudos do grupo. Mesmo assim, aceitar o trafo da liderança ainda é difícil devido à timidez gerada pela baixa autoestima oriunda de cultura familiar com apreensão entendida como formadora de caráter e sensatez.

Tarefas. À frente da Instituição, as tarefas eram realizadas com dedicação, responsabilidade e determinação, muito mais pelo fato de considerar o receio de errar com base nos traços-fardos (*trafares*) pessoais do que por lucidez e confiança na capacidade pessoal de empreender e nos amparadores.

Equívoco. Para a consciência de temperamento introspectivo e com predomínio da visão *trafarista*, há a tendência de se achar incapaz de realizar determinadas tarefas pela insegurança gerada a partir da autopercepção equivocada, distorcida e incompleta. Possui dificuldade de reconhecer-se com talentos, habilidades e atributos já conquistados ao longo de outras existências (SENO, 2013, p. 34).

Perfeccionismo. Os *trafares* pessoais, em especial o negativismo, a criticidade e o perfeccionismo demandavam atenção redobrada nas ações. A isto somava-se a cobrança rígida para não errar trazida desde a infância.

Autoimagem. Um traço comportamental, desde a adolescência, reflexo da rigidez educacional familiar, é a autoimagem distorcida, pelo fato de ser vista pela família como sendo a problemática, a do contra, a única sem religião e, por isso, sem proteção divina.

Mentalsomática. Nos *feedbacks* espontâneos recebidos nas relações interpessoais e nos cursos realizados enquanto docente ou aluna, eram assinalados traços positivos, tais como: carisma, coragem e, em especial, intelectualidade, o que, para mim, aumentava consideravelmente a responsabilidade de não errar.

Obnubilação. A obnubilação e a dificuldade de assumir *trafares* e *trafores* impedem mudança de patamar evolutivo.

Autoconhecimento. Autopesquisar-se é indispensável a qualquer conscin que deseja melhorar, crescer evolutivamente, em especial quando intermissivista.

Manifestações. A autocorrupção leva à procrastinação com justificativas temporárias, mas a conscin lúcida da importância evolutiva da autopesquisa voltará a incomodar-se quanto às suas manifestações, em especial as *trafaristas*.

Trabalho. Autopesquisa demanda auto-observação, anotações, aplicação de técnicas conscienciológicas, revisão de literatura, superação de fissuras e gestações conscienciais (*gescons*). Autoconhecimento requer trabalho, muitas vezes exaustivo.

Conscienciometria. Nas relações grupocármicas foi sinalizado “comportamento autoritário, perfeccionista, querendo tudo na regra, certinho demais”, o que causou espanto, pois, esse comentário veio de uma pessoa admirada e com energias assistenciais. Foram estudos, observações e análises possibilitando hipóteses.

Hipótese é a proposta de explicação de algo desconhecido, não compreendido ou pouco pesquisado: *não* é achismo, é suposição; *não* é “chute no escuro”, é proposição

racional; *não* é credence, é dedução lógica inicial; *não* é imaginação, é articulação de evidências; *não* é opinião geral, é sensatez intelectual; *não* é tendenciosidade, é conscienciosidade; *não* visa o impulsivo absolutismo mítico, mas a maturidade do relativismo científico (LEIMIG, 2015, p.16).

Heteroassistência. A primeira hipótese para as postergações da autopesquisa foi priorização da heteroassistência, focando na demanda da instituição onde voluntário como fuga de autoconhecer-se e fazer as reciclagens intraconscienciais necessárias à evolução pessoal.

Sectarismo. Ao olhar para as atividades realizadas no voluntariado, o pensamento que vem é que “se cumpriu a obrigação”, que o trabalho precisava ser realizado e foi, ainda que pudesse ter resultado melhor. Essa autoavaliação sobre o currículo no voluntariado, apesar das iniciativas positivas e cosmoéticas, demonstra uma visão com características do holopensene da religiosidade, ou seja, era preciso fazer o possível para mostrar às pessoas que existe “outra” realidade além daquela difundida pelas religiões.

Psicossoma. Outra hipótese, a mais forte, está embasada em processo religioso arraigado desde a infância. Relaciona-se ao medo do assédio, o que reforçaria a ideia de não ter o “auxílio divino”. A baixa autoestima denotava percepção de desmerecimento. Tal distorção constante barrava ações para enfrentar possíveis erros julgando que não teria amparo.

[...] os indivíduos têm suas mentes presas à fôrma dos dogmas repetidos *ad nauseam*. Tal formatação os impede de olharem para o fundo de si mesmos, sem medos, disfarces, escapismos, fantasias ou regressões infantis, e os transforma em robôs existenciais, cumpridores de ritos, repetidores de fórmulas (LUZ, 2011, p. 74).

Ideação. Quando terceirizada a própria responsabilidade dos acontecimentos, seja aquela atribuída ao assediador ou ao amparador, há a compreensão distorcida de que se está só, sem amparo, porque os trabalhos energéticos em “nível ideal” deixaram de ser feitos, tornando suscetível à atuação de assediadores, e também à assistência, faltando a cosmoética por ainda pensar mal de algumas pessoas.

Automimeses. Essa ideia distorcida ou interpretação equivocada deve-se a pensenização religiosa, ao modo como vejo o Mundo e a própria Conscienciologia. Tal fenômeno, muito comum entre alguns voluntários, egressos das diversas crenças, apenas transpõe conceitos da religião para a Conscienciologia. A pessoa precisa ser “pura”, para ganhar a benção de Jesus e conquistar o reino dos céus.

Distorções. A ideia de que se não estivesse ligada a um Deus estaria ligada ao seu opositor repercutia fortemente. “A religião, ao modo de hábito ou herança cultural, passa a ser o padrão aceito pelas pessoas cujo parapsiquismo foi autorreprimido” (LUZ, 2011, p. 68).

Fenômenos. O parapsiquismo tão aflorado desde a adolescência também postergou a autopesquisa. Apesar das tentativas de atuação mais técnica e assistencial, o assédio intenso provocou desistência, ou os amparadores promoveram recesso parapsíquico. Os relatos dos fenômenos no âmbito familiar eram vistos como “falta de oração”. “Fenômenos desconhecidos e ignorados dão origem a mitos e dogmas como tentativas de explicação” (LEIMIG, 2015, p. 30).

Controle. Ao rever as anotações de cursos realizados, foi possível identificar, na planilha de reprogramação existencial, metas e meios cosmoéticos do primeiro ECP1 cursado, a proposta de “trabalhar arduamente as energias para ter controle e começar o trabalho de assistência multidimensional com mais confiança”. Ou seja, apenas o trabalho energético, o estado vibracional (EV) profilático poderia gerar empoderamento para enfrentar a atuação dos assediadores na psicofera pessoal.

EV. Pelo fato de os estados vibracionais serem praticamente imperceptíveis e realizados poucas vezes ao dia, a religiosidade se manifestava inconscientemente, sugerindo não merecimento do amparo extrafísico. Isso era tão forte, que nos trabalhos energéticos deixava de absorver as energias. Apenas circulava, instalava o EV e exteriorizava.

Postergação. O entendimento de que deixava de fazer “tudo certinho” como conhecia na teoria incomodava-me, dispensando assim o amparo e adiando sucessivamente o início da tenepes, outra descoberta da autopesquisa.

Pensenidade. A ideia predominante era que amparador só ajuda quem assiste em nível mais avançado e faz “tudo certinho”. Na prática, a autodistorção trazia autoavaliação de qualificação insuficiente, resultados insignificantes, sem valor assistencial e, portanto, irrelevante aos amparadores. Pensamento correspondente ao holopensene religioso autovivenciado na infância em que as ações pessoais eram movidas pela crença de que “tenho que ser perfeita porque é assim que Deus quer”.

Lacuna. Em conversa com o propositor das Ciências Conscienciologia e Projeciologia, o professor Waldo Vieira (2009), este comentou: “Você tem uma aura boa. Você precisa se livrar de repressões de infância, de (...). Aí arregaça as mangas e trabalha”. Nesta conversa a sensação era de precisar liberar-me para prosseguir segundo pensamentos, princípios e capacidades próprias. A inspiração era para “abrir, expandir a visão”, mas houve sensação de lacuna, parecia haver algo mais a pontuar que hoje entendo referir-se à religiosidade.

Teática. Entendido o processo da serialidade das existências humanas e a rapidez de atividades e fatos no voluntariado, aliado à ausência de autopesquisa, não houve desvencilhamento total das repressões e amarras religiosas incrustadas. A consciencialidade renovada permanecia mais teórica do que prática.

Cardiochacra. A santimônia conscientizada tornou difícil, até vergonhoso enxergar que fazia o que tanto criticava na liderança religiosa. O incômodo foi tamanho que estudar, investigar vidas passadas tornou-se imperativo para entender a profundidade do comportamento religioso, considerando na vida atual ser avessa a religiosidade, mas seguindo inconscientemente crenças e doutrinas.

Traços. Após repassar e analisar a lista dos traços e trafores pessoais, reler anotações e compilar as ações no voluntariado conscienciológico, confirmou-se a hipótese inicial: trafores, liderança assistencial e intelectualidade; trafores, imaturidade (crença) e insegurança.

Constatações. Confirmada a imaturidade, fincada no holopensene religioso, constatei que os traços-fardos não paralisaram os trafores, propiciando autoacolhimento.

Encaminhamentos. Com as corroborações, o próximo passo foi buscar conhecimento específico na Conscienciologia, assistindo cursos mais relacionados à problemática; consultar a literatura conscienciológica; e listar técnicas para eliminar a religiosidade consolidando o *princípio da descrença*.

Recin. Considerando a religiosidade na manifestação pessoal e o autoquestionamento, evidenciou-se a urgência da reciclagem intraconscencial (recin), que, segundo Vieira (2013, p. 187), é a renovação cerebral da consciência humana através da criação de novas sinapses ou interconexões neuronais capazes de permitir o ajuste da programação existencial.

Curso. Nessa busca, em 2015, no curso Retrossenha Pessoal, da IC *Consecutivus*, por meio de análises, da aplicação da Técnica da Intersecção Holopensênica e de clarividências (individual e com epicôno – epicentro consciencial), chegou-se à hipótese de “Tutoria”.

Tutoria. 1 Função ou autoridade de tutor; exercício da tutela; 2 administração de negócios públicos ou particulares; governo, direção [*a t. de uma instituição religiosa*] 3 ação de preservar, proteger alguém ou algo de outro alguém ou algo; defesa, amparo, tutela. SIN/VAR ver sinonímia de égide (HOUAISS & VILLAR, 2001, p.2790).

Tutoria. As intersecções vinham da (1) Educação com religião: catequese; (2) Educação com Monarquia: formalidade; (3) Monarquia com religião: autoridade. Os religiosos eram conselheiros da monarquia, tinham autoridade na Corte e eram responsáveis pela educação religiosa. Ou seja, a educação era para poucos, e os religiosos doutrinavam segundo formalidades monárquicas e interesses da Igreja.

Avaliação. De posse de tais informações, fiz também avaliação de questões intrafísicas na atual vida (Tabela 1).

Conduta	Traços/Manifestações
Posturas pessoais	Monárquicas e força presencial
Profissão	Professora e educadora de adultos
Grupos sociais e evolutivos	Liderança e destaque
Grupocarma	Religioso e às avessas/assistencial
Aportes	Financeiro e intelectual
Amizades	Conselheira e confidente
Vestimenta	Clássico e comportado
Lazer	Leitura e viagem cultural

Tabela 1 – Cotejo Conduta e Traços/Manifestações

Planejamento. A partir dos dados levantados e das prioridades no contexto autopesquisístico, foram elaboradas estratégias de ações executáveis, com postura proativa, considerando que autoenfrentamento precisa acontecer na prática.

Concretização. Antes mesmo de traçar metas e iniciar o plano de concretização das mesmas, foram selecionadas e aplicadas técnicas conscienciológicas e no decorrer das etapas da autopesquisa outras foram acrescentadas.

Técnicas. Entre as técnicas utilizadas estão a técnica do enfrentamento do mal-estar, a técnica da reflexão das 5 horas, técnica dos registros diários, técnica da checagem pensênica e a potencialização dos estados vibracionais.

Profilaxia. Com a aplicação das técnicas, eliminei frustrações e autoculpas, entendendo que, mesmo quando trocava as crenças religiosas pelas ideias da Conscienciologia, havia a cosmoética no trato com as demais conscins.

IV. DIFICULTADORES, VANTAGENS E EFEITOS DA AUTOPESQUISA

Difícultador. Os autodiagnósticos, quando notórios e indiscutíveis, podem paralisar a autopesquisa, pois os achados e o autoenfrentamento geralmente funcionam como “fratura exposta”.

Altruísmo. Com o mal-estar cogitei desistir da autopesquisa, mas olhei o lado positivo dos dados levantados. Por exemplo, analisei o fato de exteriorizar e não absorver as energias. Verifiquei tendência de ser mais heteroassistencial do que autoassistencial.

Acolhimento. Tal postura foi encarada de maneira traforista, afetiva, assistencial, autoacolhedora. Segundo Vicenzi (2005, p. 36), “o afeto é o propulsor mais sadio da evolução da consciência. Evoluir motivado por pressão, imposição de culpas, autocensura ou repulsa às imperfeições não parece ser o mais inteligente.”

Pacificação. Essa questão fez sentido para a autora, pois sempre há disposição para ajudar e, se a percepção é de que a assistência foi realizada dentro daquilo que a pessoa precisava naquele momento, há pacificação íntima. E é fato que as assistências não são feitas sozinhas: quando premeditadas, os amparadores geralmente já estão presentes.

Postura. Esta postura acolhedora, sem autocorrupções, possibilitou passar ao autoenfrentamento, com mais determinação buscando eliminar as fissuras e chegar à autossuperação ou alívio do traçar religiosidade.

Vantagens. Aprender com as verdades que aparecem durante as autopesquisas fortalecem a conscin a prosseguir autoconfiante nos propósitos evolutivos, lúcidos quanto à pluriexistencialidade.

Efeitos. Autoconhecer-se propicia à conscin interessada na própria evolução identificar seu momento evolutivo listando conquistas e potencialidades, tornando-se autoconfiante e traçando novas metas para prosseguir na escala evolutiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feitos. A autopesquisa realizada, pelo nível de complexidade e entranhamento, ainda está em curso, mas bem adiantada na condução, deixando de existir o mal-estar, bem como as expressões utilizadas anteriormente pela autora, relativas ao tema, como por exemplo: “Nossa (Senhora)!”, que estão sendo suprimidas do vocabulário.

Progressos. Os progressos rumo à eliminação do traço religioso anacrônico motivam ao remate da questão, gerando autoconfiança e satisfação íntima para o autoinvestimento contínuo.

Contribuição. A autoexposição da autora aqui grafada e partilhada contribui para a interassistência tarística, interconsciencial, trabalhando nas reciclagens intraconscienciais para sair do ciclo vicioso e contribuir pelo exemplarismo.

Dedicação. Independentemente da temática ou do seu enredamento, a autopesquisa conscienciológica é individual, de responsabilidade de cada consciência e intransferível. Exige persistência e motivação do interessado.

Bússola consciencial. As conquistas evolutivas motivam e capacitam a conscin com abertismo consciencial a se tornar mais fraterna e lúcida em sua atuação enquanto “*minipeça em maximecanismo*”.

REFERÊNCIAS

01. **Bazzi**, Munir; *Despojamento da Superação da Competitividade*; Artigo; *Conscientia*; Revista; Trimestral; Vol. 8; N. 3; Edição Especial; IV Congresso Internacional de Inversão Existencial; 25 a 31 de julho de 2005; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Julho-Setembro, 2004; páginas 161 a 168.

02. **Houaiss**, Antonio; & **Villar**, Mauro de Salles; *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*; LXXXIV + 2.922 p.; 1.384 abrevs.; 1 foto; 6 ilus.; 1 microbiografia; 19 tabs.; glos. 228.500 termos; 1.582 refs. (datações etimológicas); 804 refs.; 31 x 22 x 7,5 cm; enc.; Objetiva; Rio de Janeiro, RJ; 2001.

03. **Leimig**, Roberto; *Vidas de Naturalista: Hipótese da Personalidade Consecutiva de Marcgraf, Steller, Humboldt*; pref. Mabel Teles; revisora Maria Regina Camarano; *et al.*; 456 p.; 8 caps.; 318 citações; 25 E-mails; 56 enus.; 37 fotos; 4 microbiografias; 21 siglas; 2 tabs.; 22 websites; glos. 210 termos; 8 filmes; 418 refs.; 3 apênds.; alf.; geo.; ono.; 23 x 16 x 3 cm; br.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2015; páginas 16 e 30.
04. **Luz**, Marcelo da; *Onde a Religião Termina?*; pref. Waldo Vieira; revisores Erotides Louly; Helena Araujo; & Valana Ferreira; 486 p.; 5 seções; 17 caps.; 12 documentários & minisséries; 17 E-mails; 39 enus.; 149 estrangeirismos; 1 foto; 1 microbiografia; 15 siglas; 2 tabs.; 16 websites; 79 infográficos; 22 filmes; 571 refs.; 2 apênds.; alf.; geo.; ono.; 23,5 x 16 x 3 cm; enc.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2011; páginas 68 e 74.
05. **Seno**, Ana; *Comunicação Evolutiva nas Interações Conscienciais*; pref. Málu Balona; revisores Equipe de Revisores da Editares; 342 p.; 4 seções; 29 caps.; 36 citações; 1 diagrama; 22 E-mails; 70 enus.; 2 esquemas; 2 fluxogramas; 1 foto; 4 ilus.; 1 microbiografia; 1 planilha; 9 tabs.; 20 websites; glos. 181 termos; 17 filmes; 183 refs.; 2 apênds.; 23 x 16 cm; br.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2013; páginas 34 e 39.
06. **Takimoto**, Nario; *Princípios Teáticos da Consciencioterapia*; Artigo; Anais da IV Jornada de Saúde da Consciência; *Journal of Conscientiology*; Revista; Trimestral; Vol. 9; N. 33-S; 29 enus.; 1 microbiografia; 3 tabs.; 29 refs.; International Academy of Consciousness (IAC); London; September, 2006; páginas 11 a 28.
07. **Vicenzi**, Eduardo; *Assistência por Meio da Afetividade*; Artigo; I Jornada da Conscienciologia; Foz do Iguaçu, PR; 28-30.12.05; *Conscientia*; Revista; Trimestral; Vol. 9; N. 1; Seção: Temas da Conscienciologia; 1 E-mail; 12 enus.; 25 refs.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Janeiro-Março, 2005; páginas 23 a 37.
08. **Vieira**, Waldo; *As Recins*; Conversa informal com Suely Regina Barbaresco; Holoteca; Foz do Iguaçu; PR; jul. 2006.
09. **Vieira**, Waldo; *200 Teáticas da Conscienciologia*; 260 p.; 200 caps.; 13 refs.; alf.; 21 x 14 cm; br.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1997; página 187.
10. **Idem**; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 1.248 p.; 525 caps.; 150 abrevs.; 43 ilus.; 5 índices; 1 sinopse; glos. 300 termos; 2.041 refs.; alf.; geo.; ono.; 28 x 21 x 7 cm; enc.; 5 Ed.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2002, página 23.

